

Laços do afeto: um depoimento sobre Flávio Pierucci e sua relação com a ANPOCS e os seus

Affectional bonds: a testimonial about Flávio Pierucci and his relation with the ANPOCS and its members

Maria Cristina Sevilio D'Oliveira

Em outubro de 92, o Professor Antônio Flávio de Oliveira Pierucci foi eleito Secretário Executivo da ANPOCS. Dias depois, a casualidade colocou-me no cargo de Secretária Administrativa e Financeira dessa Associação. No antigo posto do Banco Banespa, situado no Prédio da Administração da FFLCH/USP, após me cumprimentar, o Flávio colocou-se logo atrás de mim na fila. Foi aí, então, que uma professora, cujo nome desconheço, cumprimentou-o por sua eleição. A demora da fila deu-me tempo de ouvi-lo falar sobre a mudança da sede da ANPOCS, do Rio para São Paulo; da sua satisfação por assumir o referido cargo e, entre outras coisas, sobre sua emergencial necessidade de encontrar alguém para a gerência administrativa da Associação. Ali mesmo ele descreveu o perfil da candidata. E... incrível! Aquela era eu!

Embora eu fosse funcionária da Sociologia da USP, Departamento do Flávio Pierucci, há pouco mais de um ano eu vinha buscando novas oportunidades. Em meio ao constrangimento, aguardei por sua saída e, lá fora, abordei-o, desculpando-me pelo atrevimento e, então, candidatando-me à vaga.

Naquele momento, aprendi que surpreender o Flávio desencadeava uma reação estranha nele. Ali, naquela hora, ele subia e descia as escadas externas do prédio. Ia e vinha, e eu, sem saber o que fazer, seguia-o, respondendo as perguntas que ele me fazia. Aquela foi, sem dúvida, a entrevista de emprego mais esquisita à qual fui submetida. Com o tempo, aprendi que, se ia surpreendê-lo, eu podia permanecer onde estava, parada, pois ele andaria de um lado para o outro, mas sempre voltaria até mim.

Naquele mesmo mês, novembro de 2012, o Flávio anunciou na Folha da São Paulo a vaga para a Secretaria de Publicações da ANPOCS, colocando seu telefone residencial como contato. A partir desse anúncio, a Mírian da Silveira, que hoje ocupa o cargo de Editora Assistente da Associação, contactou-o e, para sua surpresa, agendou sua entrevista na casa dele. Apesar de sua estranheza e também constrangimento, foi até o endereço indicado pelo Flávio, sua casa, e passou por

uma entrevista informal, tendo sido contratada dias depois. Estamos na ANPOCS desde então, contando exatos 20 anos.

Em junho de 1993, o Camilo Flamarion, ainda aluno das Ciências Sociais, foi contratado pelo Flávio, por ocasião do 17º Encontro Anual da ANPOCS.

As duas gestões do Flávio Pierucci, em parceria com Guita Grin Debert, sua secretária adjunta, e seus dois presidentes, respectivamente, Aspásia Camargo e Gilberto Velho, foram um grande salto para a ANPOCS. Sua administração elevou todos os números de produtividade e excelência. Em quatro anos, a ANPOCS passou de noventa assinantes da RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais e da BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais para mais de novecentos assinantes. E os encontros passaram por mudanças ainda mais significativas, radicais mesmo, tanto em número de inscritos e participação quanto em número de atividades, novos formatos e organização.

Contando com a ajuda imprescindível do Prof. Reginaldo Prandi, também do Departamento de Sociologia da USP, o Flávio comandou os encontros da ANPOCS direta e brilhantemente, dando uma configuração organizacional e formatos que são mantidos até hoje, tais como: o livro com a programação e resumos (cujo formato ele concebeu e se mantém, em estrutura, ainda nos dias de hoje); a equipe de apoio formada por alunos das Ciências Sociais (que é um diferencial no atendimento aos congressistas); os uniformes (com as cobiçadas camisetas coloridas, cuja tradição permanece, inclusive na ordem das cores: iniciando sempre com as pretas e terminando sempre com a branca, intercaladas por outras duas cores que se relacionavam com o cartaz de cada encontro). Aqui, vale ressaltar que os encontros da ANPOCS, à época, eram realizados de segunda a sexta-feira. Portanto, a escolha por iniciar o encontro com o preto e terminá-lo com o branco estava relacionada com os Orixás. Ele dizia algo assim: o preto abrirá os caminhos, trará bons fluidos e nos levará ao sucesso na realização do Encontro. O branco, quase como uma bênção, encerrará nossos trabalhos. O Flávio dizia isto de uma forma que lhe era muito peculiar, ou seja, um misto de verdade, de ironia, de crença, de descrença, de pura de ambiguidade.

À parte desses detalhes, Flávio Pierucci trabalhava de maneira direta nos Encontros. Ele fazia questão de editar a agenda, de distribuir as atividades nas respectivas salas e de organizar a hospedagem dos nossos financiados, vendo nome a nome, apartamento a apartamento. Àquela época, a secretaria da ANPOCS, por orientação do Flávio, emitia as fichas de inscrição em que, entre outros dados, os financiados pela Associação podiam indicar os nomes para compartilhamento da hospedagem. Manusear essas fichas e suas respectivas indicações e comentários divertia o Flávio. E aqui, vale ressaltar que nossa preferência (funcionários e Flávio) era a ficha de inscrição do Professor Gilberto Velho que sempre trazia indicações

inusitadas e jocosas. Houve um ano em que ele, Gilberto, indicou quatro mulheres para compartilhar sua hospedagem. E, é claro, ele mesmo comunicou a elas o feito, o que as fez (todas as quatro) ligarem para o Flávio, desesperadamente, perguntando se a indicação era um fato, ao que ele respondia – divertindo-se: já ignorei!

O Flávio Pierucci colocava a mão na massa e, literalmente, carregava caixas, madrugava conosco na montagem do evento... e, como se não bastasse, no final das noites sentávamos os dois, na sala do piano, no Hotel Glória, para ele assinar os 700, 800 certificados, um a um, o que, sem dúvida, levava horas. Ao Flávio não lhe escapava a estética, nunca, nem mesmo em sua assinatura que era quase um desenho, cuidadosamente plástica.

Grande parte do que sou profissionalmente devo ao Flávio Pierucci. Ele sempre me surpreendia como chefe. Era avesso a formalidades injustificadas, odiava ser chamado de senhor e, desde o primeiro dia de trabalho, ele recomendou, quase como uma ordem: "não me chame de professor, chame-me de Flávio e de você!"

Trabalhar com ele significava elevar o padrão sempre. Mantê-lo, somente em casos restritos. Ele queria sempre mais da ANPOCS e de nós, seus colaboradores. E era assim que o Flávio nos via e era assim que ele se relacionava conosco sempre.

Como chefe, era um misto de leveza e voracidade. Fazia-se presente todos os dias e participava da rotina da instituição com comprometimento total. Durante seus quatro anos de gestão, apesar de sua dedicação quase que exclusiva à ANPOCS, exaustivamente, manteve sua vida acadêmica e de pesquisa ativas e em dia. E, contava sempre que, tão logo sua gestão acabasse, daria início à sua Livre Docência, concluída, então, em 2001, apresentada sob o título "Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber". Isto me leva a lembrar que, por ocasião de sua Livre Docência, na qual estive presente, enviei a ele, dias depois, a cópia do vídeo que eu mesma havia feito de sua apresentação. Em resposta, veio um email, abaixo transcrito:

Cris, querida, obrigado pelo vídeo, uma bela lembrança, mas muito mais obrigado ainda por ter ido e ficado lá todo aquele tempo me acompanhando, cuidando de mim. Deus lhe pague, Cris!!! Jamais esquecerei!!!! Vc mandaria o e-mail da Mírian? Quero dizer isso também a ela. Superbeijo do Flávio. (Flávio Pierucci, 2001)

Dono de um humor inigualável, repleto de ironias cáusticas, o Flávio nos fazia tomar contato, muitas vezes, com aquilo que não queríamos ver de nós mesmos. Ele nunca foi de poupar ninguém. Se ele pensava assim, assim ele falava. E eu, particularmente, sempre considerei tal característica admirável nele, mas, para além disto, o Flávio tinha algo que me causava ainda maior admiração. Apesar

de seus rompantes, que por vezes causavam assombros nos desavisados, ele era extremamente generoso, afetuoso, leal e adorava crianças... o que era recíproco! E é por isto que eu não podia deixar de contar a vocês uma experiência petrificante que tive com o Flávio no meu primeiro Encontro Anual.

Em outubro de 93, meu filho, Diogo, tinha apenas oito anos e, como eu não tinha com quem deixá-lo em São Paulo, o Flávio permitia que eu o levasse aos Encontros. Aliás, tanto o Diogo quanto o Flávio adoravam isto. Como aquele era ano de eleição presidencial no Brasil, o Encontro receberia a Professora Ruth Cardoso, que, meses depois se tornaria nossa primeira dama. Meu filho, repetidamente, perguntava-me se ela já havia chegado ao Hotel. Depois, ao saber que ela já estava lá, veio até mim, desesperadamente, dizendo que precisava vê-la. Coincidentemente, naquele momento ela estava próxima à secretaria geral do Encontro, rodeada pela imprensa. Peguei-o no colo para que ele a pudesse ver. Como ele se mostrava afoito, percebi que algo não estava nos trilhos. Insisti que me contasse o porquê daquele desespero e, muito contrariado, respondeu-me:

“- O Professor Flávio disse que é meu chefe também e me mandou ficar de olho nela. Quando ela estiver perto da piscina do Hotel, eu a empurro. Depois, ele pula e salva a professora. Aí, nós dois sairemos nos jornais. Eu, o menino que empurrou a primeira dama na piscina e ele o sociólogo que a salvou.”

Diante disso, tentei explicar ao meu filho que aquilo era uma brincadeira do professor e que não era para ele executar tal ordem. Entretanto, nada o convencia, o que me fez procurar pelo Flávio imediatamente. Claro, ele, então, lhe explicou meio assustado e rindo muito, quase num desapontamento, que era apenas uma brincadeira. Até hoje eu tremo quando me lembro disto. Às vezes, duvido se aquilo era mesmo uma brincadeira. E, já que o parágrafo permite, e certa de que o Flávio também “apimentou” meu relato, contando que, em 1996, fim de sua segunda gestão, ele deu um “comando” parecido aos alunos, membros da equipe de apoio ao Encontro daquele ano: jogar, literalmente, o Prof. Sérgio Adorno na piscina do Hotel Glória, na noite de sua eleição à gestão seguinte da ANPOCS. Nunca soube se esse comando teria sido apenas uma brincadeira que, para surpresa de todos, foi executado.

Flávio Pierucci mostrava-se devotado à família e sempre preocupado com os pais que, naquela época, ainda eram vivos. Contava-nos sobre Altinópolis, sua cidade natal, e seus personagens prediletos. Alguns casos pareciam sair de livros. Ele era piadista e um contista nato. E por falar em família, há algo que não poderia deixar de mencionar. O Flávio foi um bom amigo e chefe incomparável quando a doença de meu pai, na época em estado terminal, me obrigava a correr em seu socorro, ausentando-me por alguns períodos do dia da secretaria

da ANPOCS. Quando ele faleceu, o Flávio e Reginaldo Prandi estiveram presentes no velório. Flávio, ao me abraçar, disse: “estou aqui. Você precisa de algo?”

É claro que, como todo e qualquer ser humano, Flávio também tinha seu lado lunar e, como disse anteriormente, seus assustadores rompantes de fúria também atingiam a nós, funcionários da ANPOCS. Entretanto, para essas situações guardo quase exclusivamente o “depois”, porque, isto sim, era marcante nele. Após esses episódios (que foram poucos, certamente), ele aparecia com chocolates, minutos depois, ofertando-os para nós. Esse era seu jeito doce de dizer: “desculpem-me!” Das poucas situações, só me lembro dos detalhes de uma, porque mostra em parte a sua ironia, animosidades e ambiguidades. Eu estava no segundo mês de gestação do meu segundo filho, Bruno, e, em função de um leve sangramento, tive de me manter em repouso durante uma semana. Nada preocupante, entretanto, o período não era muito propício para minha ausência - então, Flávio me ligou. Depois de me perguntar sobre meu estado, falamos brevemente sobre algumas questões da ANPOCS. Passados alguns minutos após termos falado, ele ligou-me novamente, agora furioso devido a um problema, do qual não tenho lembrança, e disse-me: “você não tinha outro momento para sangrar, Cris?” Obviamente, aquilo não me soou tranquilo, entretanto, notei que ele se apercebera do que havia dito e finalizamos a ligação. Cinco minutos depois, liga-me novamente e diz: “Cris, estou saindo e quero aproveitar para comprar uns chocolates. Qual você prefere?” Sinceramente, lembro-me disto com riso largo, porque eu sempre soube entender esse seu jeito, algumas vezes torto de se relacionar, de ser e de se consertar. E a única mágoa que guardo do Flávio é sua prematura e dolorosa partida.

Como disse anteriormente, o Flávio era extremamente estético. Preocupava-se com detalhes que, antes, julgo, passavam ao lado dos outros. Digo isto pensando nos cartazes, polêmicos (todos os quatro de suas duas gestões), que ele concebia juntamente com a artista plástica contratada por ele, Germana Monte-Mór, a saber: 17º Encontro, 1993, fotografia “Sobreviventes da Candelária”, de Oscar Cabral/Abril Imagens; 18º Encontro, 1994, imagem de duas cartas do Tarô (“La Force” e “La Justice”); 19º Encontro, 1995, xilogravura “Baile de Negros”, de Lassar Segall (1930); e, finalmente, o mais polêmico de todos, 20º Encontro, 1996, desenhos de Gisa Bustamante (1990). Como é público e notório, esse último, por se tratar de desenhos eróticos, também tidos como pornográficos, causou surpresa em alguns, indignação em outros, que, levados pela falsa moral, rasgaram o cartaz em público, contrapondo-se à ousadia do Flávio. Posta a polêmica e os tais atos públicos, o Flávio, surpreso, mais não muito, com as reações, encontrou uma saída: transformou o cartaz em Mesa Redonda, que foi realizada sob sua coordenação. Essa Mesa trouxe a imprensa, um grande público, lotando a sala, e resultou em uma página do Jornal Folha de São Paulo. Além disto, nos bailes da

ANPOCS, na gestão do Flávio, todos à fantasia, o referido cartaz também virou, massivamente, vestidos e adornos das alunas e alunos da graduação das Ciências Sociais presentes naquele Encontro.



Por falar nos bailes da ANPOCS, em sua gestão, todos à fantasia, o Flávio também, em foto e matéria, deu mais uma página no mesmo jornal, agora em 1995, por ter contratado duas mulatas mineiras, carnavalesca e tipicamente fantasiadas, para se apresentarem, sambando, antes e durante o baile daquele ano. A Folha dizia algo como: Sociólogo e Secretário Executivo da ANPOCS, Flávio Pierucci, cai no samba com mulatas no Encontro da Associação. Burburinhos corriam pelos corredores do Hotel, onde os cariocas, aparentemente brincando, diziam que ele devia ter contratado mulatas das escolas de samba do Rio, e as feministas, indignadas, claro, execravam tal evento.

Em 2004, o 28º Encontro ofereceu uma atividade proposta e coordenada pelo Flávio Pierucci, resultando no maior público de toda a história da ANPOCS, contando com a presença de mais de 800 pessoas: a Sessão Especial “Centenário de um clássico: a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

Depois de sua gestão, o Flávio esteve presente sempre que a ANPOCS o solicitou. Nunca invadiu espaços. Sempre foi convidado a lá estar. E, dada sua coragem e toda ajuda que só aquele amigo podia oferecer, era a ele que pedíamos sempre que precisávamos de algo que poucos ou mais ninguém aceitaria fazer. E foi assim que, em 2009, a ANPOCS lhe fez um convite inusitado: palestrar no domingo, antes do início do Encontro daquele ano, para uma plateia diferente do que lhe era habitual e bastante heterogênea - professores da rede pública do ensino médio e fundamental, alunos dessas escolas, alunos da faculdade local e da escola técnica e para o prefeito e seus secretários da cidade de Caxambu - MG.

Na véspera de sua apresentação, ele disse para mim algo assim: “Cris, pensei muito em como explicar o que é sociologia a um grupo tão heterogêneo. Veja o que você acha!”

E foi incrível! No dia seguinte, ele declamou “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto (1955), caminhando em frente e no mesmo piso da plateia, abaixo do palco: “O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria. Como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias...”

E seguiu recitando a apresentação de Severino, inteira, tudo na memória, terminando-a assim: “Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra...”. Então, ele tirou o blazer que vestia, subiu as escadas do palco, sentou-se à mesa e mostrou a todos o que era Sociologia. Curiosamente, vi pessoas em lágrimas. E todos puderam entender, fôssemos quem fôssemos, o porquê do Severino e os porquês da Sociologia.

Em 2008, chamei o Flávio, sempre presente nos Encontros da ANPOCS, para estar conosco também nos dias de preparação do evento. Ele respondeu, literalmente, quase como uma criança que acaba de ganhar um gostoso doce: “é sério, Cris?”. E lá foi ele, montar pastas conosco, fazer contagem, preparar salas, receber as pessoas na secretaria. Assim foi em 2008, 2009, 2010 e 2011.

Agora, para dar um pouquinho do Flávio, segue a transcrição de sua fala, gravada apenas em áudio no Encontro de 2002, que, na qualidade de ex-secretário executivo da nossa associação, compôs a Mesa Redonda em Comemoração aos 25 anos da ANPOCS. É com ele e do jeito dele que encerro meu depoimento:

No começo do ano passado, começo de 2001, estou na minha casa, posto em sossego, recebo um telefonema da secretária Vanda, da SBPC: “*O Prof. Aldo gostaria de falar com o senhor*”. Eu disse: Quem é Aldo? – “*Aldo é o Secretário Geral da SBPC, professor!* - Ah, tudo bem, Vanda, então, me passa com ele! – E diz o Aldo: “*Pierucci, você poderia vir aqui numa reunião, pois nós estamos começando a organizar o próximo Encontro que vai ser em Salvador, na Bahia, em julho. A gente tá querendo a sua colaboração na comissão de programação*”. - Eu fui! Estava toda a diretoria ali e a comissão de programação. Eu dei quinhentos palpites sobre como deveriam ser as sessões, como isto e aquilo! Chega ao final da reunião, o Aldo Malavasi diz: “*Pierucci, você foi aprovado! Você é o próximo candidato a secretário geral da SBPC!*” - Por quê? Porque eles já tinham ouvido falar de mim em 98, quando a SBPC ia fazer 50 anos, o Sérgio Ferreira me chamou porque tinha ouvido dizer que as reuniões da ANPOCS eram muito animadas, eram muito festivas e que eu poderia ser um bom organizador dos festejos dos 50 anos de SBPC. Associando... (todos riram). Nessa pequena pausa, Alice Rangel (UFRJ) disse em risos: “*Frutos das passistas!*!” – ao que Flávio respondeu: “*Das passistas??? Pode ser, pode ser!!! Passistas mineiras! Passistas mineiras!*” (muitos risos). Então, essa coisa foi ficando, quando então pensaram na coisa de me chamar, já tinham essa imagem de que eu era um animador de eventos, porque eu fiquei com essa imagem de animador de eventos. E aí fui lá, viram que, além de tudo, eu tinha coragem de dizer: “*Não, isto tá ruim, corta isso, isso não pode etc. etc. ... com segurança na hora de dizer esse evento tá fraco, esse não pode. Essa mesa redonda sim, aquela não. Então, tem o perfil de secretário geral pra organizar um evento enorme da SBPC que foi agora em Goiânia que eu experimentei essa coisa. Então, eu gostaria de dizer pra vocês. Não sei se foi a melhor coisa que fiz na minha vida ser secretário geral da SBPC, mas uma das melhores coisas que fiz na minha vida foi ser secretário executivo da ANPOCS. E aqui eu mando um beijo pra Guita.*” (Flávio Pierucci, Mesa Redonda em Comemoração aos 25 anos da ANPOCS, 26º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu – MG, 2002)

Recebido: 30/06/2013

Aprovado: 11/08/2013